

PROTAGONISMO JUVENIL E SUSTENTABILIDADE NA VILA DO GALEÃO-BA

Anderson dos Santos Paiva*

RESUMO: *O projeto “Protagonismo juvenil e sustentabilidade na vila do Galeão” compreende um programa iniciado em fevereiro de 2003 que visa à orientação a atividade artesanal, tendo como meta a melhoria da qualidade de vida da sociedade de Galeão (Cairu-Ba), não somente pelo incentivo à comercialização de seus produtos, aumentando a renda do grupo, como também por auxiliá-los na gestão dos recursos naturais, por representar uma alternativa econômica viável com vistas ao “Desenvolvimento Ecologicamente Sustentável”. Com tal atividade, buscamos preservar a cultura local e diminuir a pressão sobre os ecossistemas, atenuados pela falta de outras atividades econômicas, promovendo o protagonismo juvenil em torno de um artesanato com a marca local estética e rica. Através de métodos como a pesquisa-ação e pesquisa participante, temos unido as propostas com as manifestações artísticas e folclóricas já existentes no resgate da identidade da vila, organizando workshops, festivais de artesanato e produção de vídeos nos quais os jovens têm assumido papel de líderes e multiplicadores do processo. Aliados aos conceitos de educação ambiental e formação para cidadania, temos atingido resultados que se traduzem na sensibilização da comunidade sobre o despertar de uma autonomia que se solidifica nas oficinas de produção artesanal, nas peças de teatro, na pesquisa de materiais locais e no projeto do centro cultural que encaminhamos à prefeitura do município para compor a memória sobre as artes de pesca, a história oral e as cantigas populares, construindo uma nova realidade para esses jovens e para esta sociedade como um todo.*

Palavras chave: Artesanato; Sustentabilidade; Protagonismo Juvenil.

INTRODUÇÃO

Os atuais debates acerca do desenvolvimento sustentável têm apontado para caminhos que passam cada vez mais por um processo de sensibilização do público, a fim de garantir a própria continuidade de práticas e conhecimentos apreendidos que porventura garantam a mesma sustentabilidade desse desenvolvimento pretendido. Este questionamento estabelece então outra relação entre fomentadores e beneficiados que ultrapassam a idéia de um público passivo frente a propostas que se apresentam. O enfraquecimento ou a fraca mobilidade das associações comunitárias contribuem com isso e as metodologias pré-concebidas não se relacionam mais com realidades tão distintas e específicas das comunidades. Com base nisso, vimos apresentar aqui uma exposição sobre o protagonismo juvenil e o empoderamento, tal qual vem sendo trabalhados no Projeto de Gestão dos Recursos Ambientais do Baixo Sul-BA, em especial na vila de Galeão, sem, no entanto, nos atermos a discussões de ordem semântica, mas sim a experiências adquiridas durante a formação de multiplicadores de um processo interativo.

A VILA NO BAIXO SUL

Também conhecido como a Costa do Dendê, o Baixo Sul é a região litorânea que se estende desde a foz do Rio Jaguaripe até a foz do Rio de Contas, englobando os municípios de Jaguaripe, Nazaré, Aratuípe, Valença, Taperoá, Cairu, Nilo Peçanha, Ituberá, Camamu e Maraú.

* Graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: andersonspaiva@hotmail.com.



O Baixo Sul, e em específico o município de Cairu, vem sendo o foco de uma grande demanda do turismo de massas, pelos recursos ambientais espetaculares desta região da Mata Atlântica. O confronto de uma atividade turística sem planejamento põe, no entanto, em risco tanto os ambientes quanto a cultura local que ainda resiste na preservação da memória e tradição. Por outro lado, a economia regional sofreu um desaquecimento nos últimos 30 anos devido às novas opções de transporte rodoviário afastado do litoral que deixaram os vilarejos da Costa do Dendê desconectados dos mercados regionais.

É neste cenário que se encontra a vila do Galeão, uma comunidade remanescente de quilombos (BAHIA, 1999, p.73), composta por aproximadamente cerca de 1.200 pessoas que por um bom tempo sobreviveu da colheita da piaçava e que hoje, devido a problemas trabalhistas com os fazendeiros, sobrevive apenas da mariscagem e, principalmente, da pesca artesanal do siri. Sua população vem sofrendo, cada vez mais, com a imposição de novos valores que acabam por alterar sua identidade cultural presente nas artes de pesca, no artesanato e na arquitetura. Pouco a pouco, a história do surgimento da vila, das rezas e cânticos, dos antigos trajetos de canoa, vai sendo perdida e com eles as referências que serviriam aos mais novos para melhor compreenderem a si mesmos e o lugar em que vivem.

Essa vila de pescadores, cujo conhecimento etnoecológico desde muito tempo tem apresentado seu valor, merece também o reconhecimento pela sua cultura, que agora é recordada por seus moradores e apoiada por todos aqueles que reconhecem na simples linguagem popular todo valor de um saber.

PROJETO COMO PROJEÇÃO DE PROJETOS

Apresentado pela Fundação Ondazul ao Fundo Nacional do Meio Ambiente - FNMA, o Projeto de Gestão dos Recursos Ambientais do Baixo Sul é uma proposta de desenvolvimento ecologicamente sustentável aliado às práticas de educação ambiental, capacidade de recarga e alternativas de manejo nas vilas de Garapuá e Galeão situadas no município de Cairu.

Inserido como uma proposta de viabilização econômica, o artesanato passaria, dessa forma, a se inserir dentro de uma realidade própria, criando possibilidades novas por meio do aperfeiçoamento técnico e de uma pesquisa aplicada. Com tal atividade, pretendemos preservar a cultura local ameaçada pelos novos padrões externos surgidos com o aumento do turismo e a pressão sobre os ecossistemas, atenuados pela falta de outras atividades econômicas, reunindo um público diverso (adulto e infantil) em torno de um artesanato com a marca local estética e rica.

O objetivo principal tornou-se então um desafio: Como desenvolver o interesse por uma atividade econômica sem referências concretas dentro dessas comunidades, diminuindo a pressão sobre os ecossistemas locais e, ao mesmo tempo, promovendo a sustentabilidade continuada destas práticas?

A idéia que primeiro surgiu foi a de sensibilizar o público para o projeto, apresentando-o de modo flexível, onde os múltiplos pontos de vista se tornassem opiniões para sua reformulação ou revisão, o que somente poderia ocorrer dentro de uma discussão ampla que envolvesse os diversos segmentos da sociedade local, nisto falando dos jovens, artesãos, professores e associados, dentre outros.

Através deste diagnóstico participativo, foram levantados os principais problemas da comunidade no que tange à cultura e ao desenvolvimento, pontos focais por eles escolhidos. Desse modo começou a surgir uma projeção de projetos, definidos como metas, planos de atuação conjunta que dariam início à mobilização da comunidade para criar um movimento cultural cuja lógica dos desejos resultaria na criação de um centro de memória e lazer.

É importante considerar que estes anseios partiram principalmente de um público jovem que não acreditava na capacidade de ação das associações locais. Este grupo, formado principalmente por jovens de 14 a 20 anos, trabalhava com pequenas mostras de teatro que davam certa mobilidade à vila e os colocavam também como atores sociais à medida que, por meio de práticas culturais de integração, reivindicavam dos órgãos municipais políticas públicas que dessem margem a essas atuações. O empoderamento local assumia visibilidade, e suas práticas encontravam no Projeto uma parceria no fortalecimento deste protagonismo que encontrava assim o seu lugar no seio de um movimento cultural.

PROTAGONIZANDO A CULTURA

O protagonismo juvenil deve aqui ser entendido como um conjunto de ações que despertam o sentido de vivência do coletivo na busca de alternativas para o enfrentamento de situações. É, sobretudo, a determinação para se romper a idéia de um poder não compartilhado ou inacessível.

O empoderamento torna-se parte integrante desse processo. Sua busca qualifica a dimensão em que este mesmo se opera. Esse termômetro do protagonismo é um elemento definidor da eficiência das ações, portanto a superação de uma condição submissa inverte o fluxo de poder, transformando a realidade em algo passível de mudança.

Sendo assim, o protagonismo que buscamos é um movimento que transforme estes atores sociais em representantes da comunidade (porta-vozes), à medida que a mudança de mentalidades opera uma visão crítica nos mesmos, tornando-os capazes de mediar situações e promover mudanças. O protagonismo é, pois, a ação do indivíduo na esfera sócio-política, mas também é, antes de tudo, o processo de tornar-se um ator social.

É notório saber que a mudança de mentalidades não ocorre a passos largos, ela é intermitente e contínua como um processo de olhar para si e para fora, encontrando um contraponto, um lugar para situar-se. Entre os jovens do Galeão, nosso papel foi o de mediador por meio da escuta ativa e da observação participante, optando por um formato antropológico, inserindo-os no contexto amplo das negociações e sendo inserido no contexto local, palco dessas mesmas transformações.

Para Mello (1987, p.285), a crescente busca, por se realizar trabalhos etnográficos em sociedades letradas como comunidades de pescadores e comunidades rurais, deve-se à maior flexibilidade da pesquisa que permite a aplicação de todas as técnicas da pesquisa antropológica. Já no trabalho de Seltz, Wrightsman e Cook (1987, p.73), o papel do observador participante que chega a uma aceitação da amizade no tratamento mais próximo com os informantes.

Pensando nessa relação, definimos os pressupostos metodológicos de comum acordo com o desenvolvimento do trabalho, partindo das demandas expostas. O único objetivo pré-estabelecido era de criarmos propostas ao desenvolvimento do artesanato, o que já se constituía no desejo da própria comunidade.

Entre os jovens envolvidos, metade já tinha alguma vivência com o artesanato por meio dos familiares. Eram pais, tios, primos que ainda conservavam a tradição sobre estas produções distribuídas em duas categorias: a) Artes de pesca; b) Artesanatos e souvenirs.

Às artes de pesca correspondem, dentre outros, os samburás, camboas, caçuás que contêm a tecnologia tradicional acerca da atividade econômica mais expressiva, que era a da pesca e da mariscagem. Seu uso não estava relacionado a uma comercialização, por isso os consideramos dignos de uma salvaguarda, como memória da vila, incentivando o respeito à importância que estas produções ocupam nas relações diárias de trabalho.

Já o artesanato de venda incide-se sobre esculturas zoomórficas e miniaturas de embarcações, feitas com madeiras da região, principalmente árvores caídas e sobras

aproveitadas. Sua técnica havia sido transmitida na infância desses artesãos, sendo utilizada como um atrativo ao lazer e diversão, até assumir um valor econômico por meio do aumento do turismo nas localidades vizinhas como Morro de São Paulo e Boipeba.

Entre os principais artesãos do Galeão, estão os senhores André Alves e Joel Madureira, ambos de reconhecido mérito que reproduzem seus conhecimentos a alguns jovens num claro reconhecimento do valor comercial dessas produções. A demanda se tornou crescente, e alguns passaram a trabalhar por encomendas, assumindo como principal atividade o artesanato em um local onde a quase totalidade das pessoas eram pescadores. É importante considerar aqui os desafios do trabalho com artistas-pescadores, pois, sem deixar a atividade de pesca (principal sustentáculo familiar), empreendem o artesanato como complemento econômico. Seus horários são, por isso, algo adverso. O tempo de produção fica sujeito aos horários das marés, distanciando-os da vivência com o grupo jovem na reprodução de conhecimentos. As tentativas para unir o trabalho de protagonismo juvenil ao desenvolvimento do artesanato (sustentabilidade) tiveram então de encontrar um novo caminho.

A ÉPOCA DOS FESTIVAIS

A proposta que surgiu como agregadora foi a do que seria o primeiro Festival de Artesanato do Galeão, cuja participação dos artesãos ocorreria nas oficinas, cabendo aos jovens a coordenação do evento. Desse modo atingimos um conjunto de metas que garantiram a:

- a) promoção da cidadania,
- b) formação de multiplicadores,
- c) capacitação técnica,
- d) valorização da tecnologia tradicional e o,
- e) incentivo à comercialização.

O Festival de Artesanato de Galeão compreendeu a realização de oficinas, palestras e exposições, que contou com o apoio dos multiplicadores locais que vêm desenvolvendo um trabalho de formação do *Centro Cultural do Galeão*. Durante este evento, foi mobilizado principalmente o público jovem e infantil com o apoio da escola local, trabalhando-se de forma conjunta, de modo a proporcionar um evento co-gerido pelos moradores, tanto em sua realização quanto no registro das ações.

A realização deste evento não pretendeu ser apenas uma forma de expor resultados, mas também de dialogar com os diversos segmentos da sociedade envolvida com a representação de sua própria identidade, ampliando a auto-estima sobre atividades criadoras que desenvolvem potenciais amplos.

A preparação do evento ocorreu assim, com reuniões semanais no espaço cedido por um estabelecimento comercial. Foi feita uma divulgação prévia que forneceu, de forma sintática, as principais demandas; em seguida procedeu-se à formação do programa de atividades com o convite aos participantes. Dois representantes da comissão organizadora foram até a vila de Garapuá para tomar conhecimento do trabalho realizado por seus artesãos e da estrutura montada por estes, em eventos anteriores, que forneceram informações importantes ao festival do Galeão onde o grupo de Garapuá promoveria parte das oficinas com pesquisa de materiais.

No Galeão uma equipe responsável cuidou da divulgação nas escolas e na rádio comunitária, fixando cartazes nos principais pontos da vila. A coordenação do projeto, em



Salvador, avaliou o orçamento e disponibilizou os recursos para aquisição de material, transporte, alimentação e hospedagem da equipe de facilitadores, de modo que todos os estabelecimentos comerciais fossem também envolvidos. À Secretaria de Educação e Cultura de Cairu coube a disponibilização da Escola Rural para realização do evento. Estas parcerias se constituem, assim, no principal objetivo do Projeto, de colocar a comunidade em contato mais próximo com os poderes públicos na consecução de suas metas.

As oficinas foram ministradas pelos artesãos locais e convidados que têm desenvolvido o trabalho nos workshops de artesanato em Garapuá e Galeão e ocorreram em número de cinco, compreendendo os principais produtos e técnicas com potencial econômico, atendendo ainda ao conceito de diversidade, praticidade e competitividade com o artesanato produzido no município, sendo, pois, as técnicas de *miniaturas de embarcações*, com madeira aproveitada de árvores caídas, o curso de *artesanato com conchas marinhas*, produzindo peças decorativas em uma técnica com argamassa. O aproveitamento de derivados naturais no curso de *adereços com sementes* (argolas, colares, pulseiras e outros) e a oficina de *pintura natural* com corantes de fácil aquisição com emprego na técnica de *têmpera*.

Durante o evento, ocorreram ainda registros audiovisuais pelos moradores envolvidos através da *oficina de filmagem* ministrada por um cinegrafista convidado que orientou os alunos na produção de um pequeno vídeo com depoimentos sobre a situação da comunidade. Outro artista convidado ministrou a *oficina de pintura em tecido* que atraiu parte do público feminino.

O material teórico com as contribuições dos participantes (informações sobre a coleta, tratamento e manuseio dos materiais) também está sendo elaborado para estimular a continuidade da aplicação dos conhecimentos apreendidos.

Os cursos ministrados foram, portanto, pensados de modo a garantir a utilização de materiais locais e de fácil aquisição, para não se criar uma dependência de produtos industrializados.

A CONSTRUÇÃO DO CENTRO CULTURAL

Paralelo à realização do festival de artesanato e antes mesmo de sua realização, os jovens da comunidade haviam cultivado a idéia de criação do Centro Cultural do Galeão. Sua justificativa residia na falta de espaços disponíveis ao lazer e à cultura, não pela inexistência dos mesmos, mas por não haver abertura da comunidade.

A descrença na atuação social das associações é uma conseqüência dessa política, uma vez que, de acordo com alguns moradores, estas não possibilitam o acesso à única biblioteca ou ao centro comunitário, ambos construídos por todos em mutirão. Esse problema que atinge muitas associações parece traduzir-se na falta de compreensão de seus dirigentes acerca de uma administração participativa e horizontal que porventura garantisse um diálogo fecundo com as comunidades. O planejamento deste centro cultural deveria, portanto, seguir um modelo flexível, compartilhando as opiniões e idéias dos moradores antes da tomada de decisões. Assim foram feitas reuniões abertas onde foi criado o seu projeto e estatuto para ser apresentado à prefeitura municipal, como também entrevistas que reuniram opiniões tanto das crianças quanto dos mais idosos sobre a forma administrativa a ser adotada, os tipos e condições de parcerias, as atividades a serem desenvolvidas, os dias e horários para funcionamento e a própria marca do centro cultural, com as cores e o símbolo que melhor representa a vila.

Por meio dessas entrevistas, os jovens protagonistas viram reconhecidos sua condição de atores sociais, com os moradores, levantando discussões a respeito da cultura que logo passaram a questionamentos sobre políticas públicas mais adequadas à melhoria da qualidade de vida com promoção do desenvolvimento. Essa entrevista tornou-se então um diagnóstico sobre temas relevantes à comunidade. Deparados com isso, os jovens atores sociais se dão conta da dimensão

que o debate cultural ocupa na análise sócio-política. Tal indissociabilidade é um fato, pois, através de iniciativas bem definidas, podem-se atingir vários objetivos. A estratégia de implantar ações culturais é um modo de despertar noções de cidadania capazes de empreender esse processo de protagonismo, levando-o a outras dimensões, empoderando os jovens na reivindicação de soluções para os problemas diversos onde a atitude pró-ativa amplia a auto-estima, qualificando-os como gestores da ampla gama que compõem a memória cultural e dos diversos níveis em que opera o poder local.

Para Demo, na prática da cidadania está a capacidade de se assumir como Estado, pois este se determina pela qualidade da cidadania.

A intervenção inovadora e ética na sociedade significa a competência de construir, na história, modos alternativos de vida comum, nos quais o progresso seja desde cedo um bem comum e a equidade se torne a instância central e final, pelo menos uma utopia. (DEMO, 1996, p.62)

A determinação pela construção do centro é a busca do resguardo da identidade no intuito de favorecer a compreensão não apenas da situação em que vivem, mas também de um passado excludente no âmbito cultural e sócio-político. Nesse caminho estão as danças, as cantigas e as artes que remetem a uma cultura negra definidora da maior parte de sua população. O centro torna-se então um lugar possível para o (re) encontro consigo mesmo, com a memória e seus novos traçados, na consecução do desenvolvimento da cidadania, da melhoria da qualidade de vida e da economia familiar por meio do desenvolvimento de um artesanato ecologicamente sustentável, onde as práticas estejam relacionadas aos produtos locais como as sementes, madeiras e pigmentos extraídos de forma não predatória, mas garantindo a sustentabilidade econômica e ecológica.

O projeto apresentado à Prefeitura de Cairu pelos jovens atores sociais, organizados agora como movimento cultural, busca na contrapartida a disponibilização de um espaço onde melhor exerçam suas atividades. A apreciação deste projeto não quer dizer, no entanto, que estes jovens estejam condicionados a ele no sentido de dependerem deste para desenvolverem seus planos de atuação, mas que haja neste apoio um reconhecimento do estado em que se encontra a cultura local e das iniciativas que estas apresentam como soluções.

DESAFIOS DA SUSTENTABILIDADE

Desde o início dessa pesquisa, a metodologia empregada levou em consideração o diagnóstico participativo elaborado através de reuniões para identificação de demandas feita, sobretudo, através de entrevistas semi-estruturadas que proporcionaram não apenas o cadastramento dos artesãos e suas técnicas, como também a compreensão da diversidade dos materiais empregados.

Em nossas reuniões, contamos com vários representantes da sociedade local, desde os principais envolvidos (jovens e artesãos), até representantes das associações e do Projeto de Gestão, onde foram apresentados e discutidos os objetivos. As sugestões foram acolhidas e possibilitaram a reformulação de alguns pontos do projeto no seu desenvolvimento, de modo que acreditamos que tal diálogo possibilitou um bom entendimento à comunidade, porém isso não se traduziu de uma forma quantitativa no índice de envolvimento destes nas atividades, fato que atribuímos principalmente à necessidade que estes têm para subsistência, sendo o artesanato encarado por muitos como um meio lúdico e somente por alguns como uma atividade de potencial econômico. Notamos que o grau de participação de artistas-pescadores tende a variações no decorrer do tempo, quando priorizam suas atividades principais de pesca e

mariscagem, ou no período de verão, quando reforçam o interesse de comercializar o artesanato devido ao aumento do turismo na região, se constituindo, dessa maneira, no problema da manutenção de um quadro efetivo de artesãos atuantes.

A falta de um espaço para exposição dos produtos, certamente contribuiu para isso, na medida em que não possibilitou o retorno econômico em curto prazo. A maioria dos artesãos tem que deslocar-se para Morro de São Paulo para vender suas peças, o que diminui o lucro, pois se agregam outros custos. A necessidade do centro cultural amplia-se na capacidade que este teria de fomentar essas produções. Contudo, dentro do que a realidade permite, formulamos outras metas, optando por subsidiar o trabalho dos artesãos através de doações de ferramentas e acessórios para ampliar sua qualidade, promovendo assim o acompanhamento sistemático do mesmo que, somados às informações de entrevistas, garantem a carga teórica fundamental ao prosseguimento dessas atividades artesanais.

A edição do vídeo documentário também é algo que promoverá esse bom entendimento, além de ampliar a auto-estima dos artesãos que compartilham suas histórias de vida.

Com a contribuição do público jovem nestas atividades, é somado o olhar de dentro, bem mais crítico e analítico, sobre a realidade que lhe é própria. Nesses fundamentos tomam corpo outras duas questões importantes no apoio à sustentabilidade do projeto. São elas a divulgação e a distribuição.

Para divulgação, tomamos como iniciativas não apenas a preparação do vídeo e do catálogo, mas temos reunido esforços também na criação de um site que divulgará parte do trabalho realizado, além de incentivar o turismo local. O site está sendo preparado pela comunidade com a história da vila, a biografia dos artesãos e uma galeria virtual.

A distribuição, no entanto, é a parte mais complexa de toda estrutura. Dela depende a comercialização. Algumas iniciativas, como a realização de festivais e mostras artísticas, podem contribuir, mas é o mercado quem fornece as diretrizes. No geral, as produções são adquiridas por lojas de pequeno e médio porte que as repassam pelo dobro do valor.

O contato mais direto chamado por alguns de comércio justo também necessita da presença de uma demanda, sujeita, neste caso especial, ao aumento do fluxo de turistas, que nos lança a outra problemática.

Para possibilitar o surgimento de novas alternativas, demos início ao cadastramento do grupo de artesãos no Instituto Mauá, órgão que cuida do artesanato na Bahia, para assim dar prosseguimento a outros projetos e parcerias. Contudo esse também não é um caminho fácil.

A sustentabilidade do artesanato na vila do Galeão é um desafio que foi lançado, que caberá um grande trabalho. A meta de criar alternativas viáveis ao aumento de renda deve ser encarada como um projeto experimental, relacionado tanto ao protagonismo juvenil, quanto ao respeito ao meio ambiente e à cultura. Estas noções tornam-se elementos fundamentais onde a ampliação de uma consciência crítica em respeito à natureza e à construção coletiva definirá o futuro dessas ações.

CONCLUSÃO

Acreditamos que este projeto tem proporcionado a busca do conhecimento etnoecológico no reconhecimento da identidade cultural e no respeito ao *modus vivendi*, interagindo em uma relação de troca de experiências com a sociedade. Desse modo, sua importância se justifica na prática da construção de uma nova realidade, através da soma de conhecimentos para o diálogo da arte e natureza por meio do estudo das formas de produção e de suas causas sociais, procurando estabelecer os nexos entre a estética e os sentidos culturais conferidos a estas manifestações, proporcionando ainda o desenvolvimento técnico e estilístico para o apoio a auto-sustentabilidade.

Os jovens protagonistas do Galeão vivenciam novas práticas, prosseguindo com suas atividades que, após aprovado o projeto do centro cultural, se desdobrarão em diversos formatos, atingindo maiores dimensões, tendo na conclusão do catálogo, do site e do vídeo documentário uma divulgação desta capacidade de construção coletiva.

Espera-se que ao final sejam absorvidos os conteúdos trabalhados, bem como a adoção efetiva da atividade artesanal como complemento à economia familiar, acrescentando o conhecimento a preservação da memória cultural desta sociedade. O direcionamento dado através dos cursos de artesanato certamente tem elucidado a todos sobre os objetivos do projeto de modo a contribuir no surgimento de novas perspectivas geridas pelos atores locais no fortalecimento da cultura ambiental e no entendimento do uso sustentado da matéria-prima utilizada na produção do artesanato e no enriquecimento da sua singularidade estética.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Secretaria da Cultura e Turismo. Coordenação de Cultura. **Guia Cultural da Bahia: Litoral Sul**. Salvador: A Secretaria, 1999.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 4ª edição. Campinas: Autores Associados, 1996.

MELLO, L. G. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. 10ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

KIDDER, L. H. (org.) **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Trad. Maria Martha d'Oliveira e Miriam Marinotti del Rey. Vol. 1. São Paulo: EPU, 1987.